

Estudo comparado do léxico de falantes de diferentes correntes religiosas

Comparative study of the lexicon of speakers of different religions

Danivia da Cunha Mattozo Wolff¹

RESUMO: Este trabalho se insere nos estudos de Semântica Lexical e visa à comparação do léxico de falantes de quatro religiões diferentes em quatro diferentes tipos de textos. Parte-se do pressuposto de que o falante religioso tende a manter seu léxico religioso como uma forma de manutenção da crença e bloqueio de novas doutrinas. Dessa forma, além de fazer uso de um léxico específico, esse falante tende a esparramá-lo para outros contextos de uso. Isso mostra como léxico e realidade social estão intimamente ligados. Para esta pesquisa, foram adotadas como pressupostos teóricos a Semântica Estrutural, com ênfase na Teoria do Campo Lexical, a Lexicologia Social e a Linguística de Corpus. Os dados analisados confirmaram a hipótese inicial de que esses falantes extrapolam o contexto religioso e fazem uso do léxico religioso em contextos não religiosos, mais especificamente em textos não declaradamente religiosos. Além disso, mostraram que há aproximação entre igrejas de doutrinas semelhantes em alguns contextos, mas, surpreendentemente, também de igrejas doutrinariamente distintas em outros contextos.

Palavras-chave: léxico, religião, semântica lexical

ABSTRACT: This work is part of the studies of Lexical Semantics and aims to compare the speakers lexicon of four different religions in four different types of texts. It starts from the assumption that religious speaker tends to keep its religious lexicon as a way of maintaining belief and block new doctrines. Thus, in addition to make use of a specific lexicon, the speaker tends to spreads it to other contexts of use. This shows how lexical and social reality are closely linked. For this research, were adopted as theoretical assumptions Structural Semantics, with an emphasis on Lexical Field Theory, Social Lexicology and Corpus Linguistics. The analyzed data confirmed the initial hypothesis that these speakers go beyond the religious context and make use of the religious lexicon in nonreligious contexts, specifically in not overtly religious texts. In addition, they showed that there is an approximation between churches of similar doctrines in some contexts, but, surprisingly, also doctrinally distinct churches in other contexts.

Keywords: lexicon, religion, lexical semantics

¹ Mestre e doutoranda em Linguística pela Universidade Federal de Minas Gerais. E-mail: danivia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Língua e cultura estão intimamente ligadas. De acordo com Carvalho (2010, p. 419), a língua não tem função em si, mas existe para expressar a cultura; ela corporifica as demais interpretações culturais. Em suas palavras, “a cultura é transmitida pela língua, sendo também seu resultado, o meio para operar e a condição da subsistência dessa cultura”. Língua e cultura formam um todo que é adquirido cotidianamente. E dentre os componentes de uma língua, o léxico – nomeando a realidade extralinguística e designando elementos do universo e da cultura – revela mais claramente a influência da realidade.

Considerando-se como fatores sociais as várias forças da sociedade que moldam a vida, os costumes e o pensamento das pessoas, pode-se dizer que a religiosidade é um fator social, pois é um importante marcador de traços culturais e da organização social da comunidade. Assim, a religião está intimamente ligada à cultura na qual está inserida e, logo, está intimamente ligada ao léxico. Segundo Bernardo e Mendes (2012, p. 15), “a religiosidade é um fator de identidade cultural na vida das pessoas. Sendo esta um aspecto da cultura, logo registra-se na língua, especificamente no léxico, pois é nele que simbolicamente se evidenciam com maior clareza a realidade na qual os sujeitos se inserem e mantêm suas relações cotidianas.” Assim, entende-se que, assim como a religiosidade se reflete no léxico, as diferenças expressas nas religiões devem se refletir igualmente nas escolhas lexicais.

Considerando-se, por exemplo, as correntes religiosas católica e protestante, podem-se encontrar termos específicos que não são compartilhados entre elas. Vejam-se abaixo exemplos das igrejas católica (a) e adventista (b) e (c):

- (a) Anos atrás, quando uma criança traquinava na igreja, havia **padres** que bradavam: “Essa criança não tem mãe?”. Há poucos dias, durante a **missa**, um pequerrucho galgou o presbitério, aproximou-se do altar e puxou a túnica do **padre**.²
- (b) "Temos apoiado também a África enviando **pastores** para realizarem evangelismo. No ano passado um **pastor** distrital de um de nossos escritórios no Paraná esteve em Guiné-Bissau e nesse ano cerca de dez **pastores** apoiarão a grande campanha evangelística em Luanda", informa o presidente da União Sul-Brasileira, **pastor** Marlinton Lopes.³

2 Disponível em: <http://www.catedraldejuina.com.br/artigos_ver.php?id=36>. Acesso em: 22 jun. 2014.

3 Disponível em: <<http://www.usb.org.br/noticia/especial-brasil-exporta-missionarios-e-leva-evangelho-para-alm-de-suas-fronteiras-8925>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

- (c) Tem mais alguns adventistas na cidade que não têm igreja para se reunir. Eles viajam todos os sábados para Florai (cidade vizinha) para conseguir assistir ao **culto**. Uma igreja aqui iria ajudar muito, ainda mais para quem não tem meio de locomoção particular.⁴

Os exemplos acima mostram que realidades diferentes de crenças ou doutrinas se refletem no léxico próprio de cada igreja. Por exemplo, o termo *padre* é de uso exclusivo da Igreja Católica, pois se refere a um cargo eclesiástico que só existe na hierarquia dessa igreja. A Igreja Adventista adota o termo *pastor* para o mesmo referente (líder religioso). Assim, são usados lexicais distintos que refletem uma diferença doutrinária entre as duas correntes.

Nesses exemplos também é possível ver outro termo que não é compartilhado: *missa* é próprio da Igreja Católica. Em seu lugar, a Igreja Adventista usa o termo *culto*, como se vê em (c). Essas diferenças lexicais que parecem acompanhar as diferenças de dogmas e históricas das igrejas são a motivação deste trabalho.

Segundo estudos de Cambraia, Vilaça e Melo (2013, p. 32, 33), a unidade lexical no âmbito da religião deve decorrer de as palavras representarem conceitos específicos e fundamentais para a corrente religiosa em questão, razão pela qual haveria uma tendência de resistência à diferenciação, pois novas formas lexicais poderiam levar os falantes à constituição de percepções divergentes da doutrina, o que, naturalmente, não seria interessante para preservação do vínculo dos fiéis a uma corrente específica.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho é apresentar uma pesquisa que considere a relação entre o léxico e a religiosidade, a fim de mostrar como o léxico reproduz as diferenças existentes entre as igrejas.

2. As igrejas analisadas

Foram escolhidas para esta pesquisa quatro igrejas: Igreja Católica Apostólica Romana (ICAR), Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD), Igreja Evangélica Assembleia de Deus (IEAD) e Igreja Universal do Reino de Deus (IURD).

4 Disponível em: <<http://www.usb.org.br/anp/missao/noticia/dvds-missionrios-alcanam-cidade-sem-templo-adventista-no-paran-8895>>. Acesso em: 22 jun. 2014.

A pesquisa do IBGE⁵ de 2010 revelou que a religião com maior representação entre os brasileiros é a católica, com 64,6% da população, o que significa cerca de 123,3 milhões de fiéis. Contudo, embora o perfil religioso da população brasileira mantenha, em 2010, a histórica maioria católica, esta religião vem perdendo adeptos gradativamente. Houve um enorme crescimento dos evangélicos, que passaram de 15,4% para 22,2% da população brasileira – um aumento de cerca de 16 milhões de pessoas (de 26,2 milhões para 42,3 milhões). Dentre os evangélicos, os adventistas foram os que apresentaram maior crescimento na última década, mais de 29%. No grupo dos pentecostais, a Assembleia de Deus é a que possui o maior número de fiéis (12,3 milhões) e obteve forte crescimento nesses 10 anos (46,3%). Já a Igreja Universal foi a pioneira do ramo neopentecostal, representando uma nova corrente religiosa, e, o mais importante, tendo sua origem no Brasil. Apresentou uma queda entre 2000 e 2010 decênio (-10,1%) em virtude do surgimento de muitas igrejas neopentecostais no país, contudo, continua sendo a que possui maior número de adeptos, com quase 2 milhões de membros.

Assim, essas igrejas se mostram relevantes nesta pesquisa pois representam quatro diferentes correntes de crenças, de doutrinas que influenciam as escolhas lexicais de grande parte da população brasileira. Estudar essas igrejas permitirá analisar quatro realidades religiosas distintas do país e, por meio delas, quatro realidades linguísticas igualmente distintas.

3. Fundamentação teórica

3.1. Linguística de Corpus

A Linguística de Corpus ocupa-se da coleta e da exploração de *corpora* para pesquisa de uma língua ou variedade linguística por meio de evidências empíricas extraídas por computador (SARDINHA; MOTA, 2004, p. 3). De acordo com essa teoria, em um *corpus* devem ser contemplados aspectos primordiais, como a origem do *corpus* (devem ser autênticos, em linguagem natural, ou seja, escritos por falantes nativos); seu propósito (objeto

5 Disponível em: <<http://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?id=1&idnoticia=2170&view=noticia>>. Acesso em: 02 mar. 2014.

de estudo linguístico); sua composição (conteúdo criteriosamente escolhido, seguindo as condições de naturalidade e autenticidade); sua formatação (devem ser legíveis por computador); a representatividade (o *corpus* deve ser representativo de uma língua ou variedade); e a extensão (o mais vasto possível).

Segundo Sardinha e Mota (2004, p. 45-82), a internet tornou-se um vasto depósito de textos e pode ser encarada, ela mesma, como um *corpus*. E com ela é possível estabelecer o estudo da frequência, essencial na análise do *corpus*. A frequência de uso é um atributo da palavra, um definidor, um traço tão inseparável quanto o sentido. A palavra assume seu valor pela soma de seus empregos.

Enfim, a Linguística de Corpus apresenta um aparato metodológico bastante útil. Além de definir a composição do *corpus*, delimita as formas de análise e fornece recursos computacionais para se alcançarem resultados mais precisos. Nesta pesquisa, o *corpus* será formado por dados da internet. Assim, a Linguística de Corpus se mostra uma metodologia adequada para esse tipo de análise.

3.2. Modelos de organização do léxico

3.2.1. O léxico mental

Segundo Biderman (1981, p. 131), o acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, que se dá por meio do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana. Ela define léxico como o tesouro vocabular de uma determinada língua, que inclui a nomenclatura de todos os conceitos linguísticos e não linguísticos e de todos os referentes do mundo físico e do universo cultural, criado por todas as culturas humanas atuais e do passado. Por isso, o léxico é o menos linguístico de todos os domínios da linguagem. Na verdade, é uma parte do idioma que se situa entre o linguístico e o extralinguístico (p. 138). Ela ainda explica que, diferentemente do sistema fonológico ou morfossintático, o indivíduo leva para adquirir o léxico, uma vez que ele é um conjunto aberto, em constante renovação. Assim, um adulto ainda se encontra numa etapa ascendente de aquisição.

Entende-se, portanto, que o léxico é o aspecto da língua que melhor representa o

universo empírico-social, pois é indissociável da realidade, sendo, na verdade, resultado dela e da experiência humana e, por isso, é heterogêneo e suscetível a constantes mudanças. Ele é constituído por meio do processo de nomeação, que se fundamenta na categorização, que, por sua vez, se deve ao nosso conhecimento de mundo e a nossa capacidade cognitiva.

Ao contrário do que se possa pensar, o léxico não é um emaranhado de palavras dispersas na mente sem qualquer organização. Ele é organizado segundo critérios específicos, e seu armazenamento não é aleatório. Essa organização proporciona maior agilidade de acesso e eficiência de uso.

De acordo com Biderman (1981, p. 138), o léxico possui uma organização estruturada no cérebro dos indivíduos de cunho material, por meio de padrões neuronais. Esse arquivamento na memória é muito semelhante entre falantes da mesma língua, pelo fato de a criança, o adolescente e o indivíduo adulto aprenderem novas palavras e novas denotações e conotações de uma palavra conhecida, por meio da interação social com outros indivíduos representantes da mesma comunidade linguística. Segundo Biderman, essas novas incorporações são feitas de maneira organizada, e não como uma mera estocagem de palavras que se vão empilhando nos neurônios do cérebro. Em suas palavras:

Em virtude do número elevadíssimo dos elementos do léxico e da complexidade combinatória resultante desse número é necessário supor que o cérebro organiza uma estrutura dos dados léxicos de grande funcionalidade, para que ele possa recuperar em frações mínimas de segundo (100 a 700 milissegundos) não só o significado de uma palavra, mas todas as suas características gramaticais e os usos que lhe são adequados, conforme o contexto do discurso, a situação momentânea e o registro linguístico requerido pela situação, pelo interlocutor e pelo assunto (BIDERMAN, 1981, p. 139).

Para Biderman (2001, p. 181), a memória registra, de maneira ordenada, o sistema lexical. Muitas afasias, inclusive, são prova da estruturação intelectual do léxico e dos processos de categorização. Além disso, a experiência quotidiana comprova a existência de processos mnemônicos, estruturalmente ordenados. Quando há necessidade de se acessar um vocábulo, desencadeia-se um processo que fornece várias palavras que integram o mesmo campo semântico. Um desses processos seria o modelo binário de oposição.

3.2.3. A Teoria do Campo Léxico

Entre 1930 e 1975, aproximadamente, a Semântica Lexical se dedicou aos estudos da Semântica Estrutural. A ideia central da Semântica Estrutural é de que a linguagem deve ser vista como um sistema, com princípios próprios que determinam seu funcionamento.

Em meio à grande variedade de posições teóricas e métodos descritivos que emergiram da concepção estruturalista de significado, destaca-se a Teoria do Campo Lexical.

Segundo Geeraerts (2010), a Teoria do Campo Lexical é uma abordagem europeia que surgiu e floresceu de 1930 a 1960 e predominou em trabalhos de estudiosos alemães e franceses. Apesar de sua base teórica ter sido estabelecida por Weisgerber, o estudo mais influente na história da Teoria do Campo Lexical foi a monografia de Jost Trier, intitulada *Der Deutsche Wortschatz im Sinnbezirk des Verstandes: die Geschichte eines sprachlichen Feldes* (*O vocabulário alemão no campo da mente: a história de um domínio linguístico*), de 1931. Nesse trabalho, Trier apresenta uma formulação teórica da abordagem de campo e investiga como a terminologia para propriedades mentais evoluiu a partir do alto alemão antigo e vai até o início do séc. XIII. De acordo com Abbade (2011, p. 1338), Trier estuda as palavras visando ao “setor conceitual do entendimento, mostrando que elas constituem um conjunto estruturado onde uma está sob a dependência das outras”. As palavras, então, estariam numa cadeia, e a mudança de um conceito afetaria os conceitos vizinhos e vice-versa.

A teoria de Trier tem como princípio a visão fundamentalmente estruturalista de que apenas uma demarcação mútua das palavras em análise pode prover uma resposta definitiva quanto ao seu valor exato. Ou seja, as palavras não devem ser consideradas de forma isolada, mas em sua relação com palavras semanticamente relacionadas: a demarcação pressupõe a existência de outro item, pois se dá sempre em relação a outras palavras.

Para ilustrar essa ideia, Trier usou a imagem de um mosaico. O conhecimento humano – os conteúdos da cognição – é dividido pela linguagem em um número de pequenas áreas adjacentes, da mesma forma que um mosaico divide o espaço bidimensional por meio de pedras contíguas. O mosaico demonstra como, num campo, as palavras se relacionam pelo sentido, delineadas cada uma mutuamente.

Os campos lexicais como originalmente concebidos são baseados em relações paradigmáticas de semelhança. Retomando a distinção saussureana entre os eixos sintagmáticos e paradigmáticos da língua, o autor distingue as relações de coocorrência. O

eixo paradigmático diz respeito a associações de semelhança; o eixo sintagmático, à possibilidade de um elemento lexical entrar em maiores totalidades com outros elementos da língua: composições e derivações, na morfologia; constituintes e frases, na sintaxe. Relações paradigmáticas constituem semelhanças *off-line*; relações sintagmáticas constituem coocorrências *online*. Costa (2006, p. 20), inclusive, entende que “os campos léxicos são estruturas paradigmáticas compostas por unidades léxicas que se enquadram num mesmo sistema de significação, mas que apresentam oposições semânticas entre si”.

No que diz respeito às relações sintagmáticas, Geeraerts (2010) esclarece que existem duas formas em que uma análise sintagmática tem sido sugerida como relevante para a semântica estruturalista. Primeiro, as palavras podem ter características combinatórias específicas que seria natural incluir numa análise de campo. Tradicionalmente, as possibilidades de combinação de palavras foram vistas principalmente a partir de um ponto de vista puramente sintático. Em 1934, no entanto, o linguista alemão Walter Porzig mostrou que a combinação sintagmática tem tanto a acrescentar aos aspectos de sentido quanto às características gramaticais. De forma geral, a afinidade semântica entre palavras que coocorrem pode ser descrita em termos de relações lexicais sintagmáticas e pode ser comparada com relações lexicais paradigmáticas, de semelhança.

Por um considerável período no desenvolvimento da linguística estrutural, as afinidades sintagmáticas receberam menos atenção que as relações paradigmáticas, mas nos anos 1950 e 1960 o conceito emergiu com diferentes nomes na semântica estruturalista e gerativista: Firth (1957a, 1957b) usou o termo *colocação*, Katz e Fodor (1963) falaram sobre *restrições de seleção*, Weinreich (1966) mencionou *características de transferência* e Coseriu (1967) discutiu *lexikalische Solidaritäten (solidariedades lexicais)*.

A segunda forma em que as relações sintagmáticas de itens lexicais podem desempenhar um papel na análise do campo lexical vai além da simples incorporação de combinações lexicais na noção de campo lexical: se os ambientes em que uma palavra ocorre poderiam ser usados para estabelecer o seu significado, a semântica estruturalista poderia receber uma base metodológica mais objetiva. O princípio estruturalista de que signos linguísticos são uma unidade de forma e significado poderia ser interpretado como: nenhuma diferença formal pode existir sem uma diferença de significado, e vice-versa. Do ponto de vista sintagmático, isso quer dizer que qualquer diferença no significado leva a uma diferença

na distribuição, enquanto que todas as diferenças sintagmáticas, ao contrário, são a expressão de diferenças de significado; qualquer significado lexical tem sua distribuição adequada, enquanto diferenças significativas de distribuição necessariamente implicam diferença de significado. Então, se se pode objetivamente traçar diferenças de distribuição entre os itens lexicais, pode-se evitar o subjetivo, a metodologia interpretativa da semântica histórico-filológica. Assim, ao invés de confiar em bases puramente intuitivas para determinar a que equivale o significado, os distribucionistas tentam empregar critérios formais para delimitar o significado.

Outra questão referente à constituição dos campos lexicais é se eles deveriam ser baseados apenas nas relações semânticas ou se associações formais entre eles também deveriam ser consideradas. As redes de associação lexical mencionadas por Saussure contêm tanto relações formais quanto semânticas, enquanto os campos de Trier são baseados exclusivamente nas relações semânticas.

Os fundamentos da abordagem estruturalista foram muito bem recebidos por muitos estudiosos, no entanto, críticas também foram formuladas levando a abordagens alternativas. Uma delas se refere ao fato de que a terminologia da Teoria do Campo Lexical é relativamente instável e talvez não tão abrangente quanto deveria. Surgem “lacunas lexicais” quando a cobertura do campo conceitual pelo campo lexical não é completa. Por exemplo, enquanto *cavalo* é um termo que cobre *garanhão* e *égua*, não existe termo semelhante para *touro* e *vaca*.

Para Geeraerts (2010), essa instabilidade não é puramente terminológica, ela envolve questões substanciais sobre o que incorporar em um campo lexical. Campos contêm apenas palavras? Essas palavras poderiam pertencer a diferentes classes de palavras? Se se for além das palavras, incluir-se-iam formas flexionadas de palavras ao lado de locuções ou palavras compostas? Perguntas como essas sobre a constituição interna de campos lexicais não estão restritas à questão sobre que tipo de elementos entram no campo; elas também envolvem especificamente a questão de que relações prever. O autor, então, retoma a seguinte questão: enquanto o campo conceitual introduzido pela Weisgerber e Trier leva em conta relações semânticas de similaridade (as palavras do campo têm significados semelhantes), um campo não deveria também abranger as relações formais e considerar coocorrências entre as palavras?

Outra crítica é quanto à imagem de mosaico que Trier usou, pois ela dá a impressão de que o mosaico cobre toda a superfície do campo, de que não há brechas ou buracos no campo lexical, contudo, essa ausência de hiatos é confrontada pela existência de buracos que ocorrem quando um campo lexical não está lexicalizado.

Outra impressão equivocada da imagem do mosaico é de que campos são, tanto interna quanto externamente, claramente delineados, ou seja, que as palavras em um campo, tal como peças de um mosaico, são separadas por sentido de contorno nítido e que diferentes campos se ligam de forma bem definida. No entanto, conforme Helmut Gipper (1959 *apud* GEERAERTS, 2010) e Aitchson (2003), as fronteiras entre os conceitos tendem a ser difusas, e, conseqüentemente, é difícil indicar exatamente onde um campo termina e onde outro começa.

Assim, pode-se concluir que os pressupostos da Teoria do Campo Lexical tornam-se contraditórios se se assume uma concepção como a de mosaico para os campos lexicais. O próprio Trier posteriormente admitiu que a imagem do mosaico era inadequada e sugeriu a imagem de um estrela de cujo centro emanariam raios que poderiam se ligar a outros núcleos em seus extremos (o que lembra o conceito saussureano de constelação associativa). Assim, o campo não seria uma área delimitada, mas um *continuum* semântico de um núcleo ao outro. Nessa analogia, alguns itens periféricos pertenceriam a ambas as categorias a cujos núcleos estão ligados; outros pertenceriam a apenas uma delas. Isso sugere que a fluidez das fronteiras se constitui pelos próprios fatos linguísticos.

Além das críticas pertinentes já existentes, pode-se acrescentar o fato de que esse método considera apenas aspectos internos à linguagem, não levando em conta aspectos sociais e históricos, que têm grande influência na formação do sentido de uma palavra e, conseqüentemente, na formação do campo lexical. Assim, a Teoria do Campo Lexical seria apenas um modelo de descrição do léxico, sem ser capaz de responder a questões mais profundas, como, por exemplo, como e por que o léxico se organiza como tal.

Assim, a Teoria do Campo Lexical se mostra um método interessante de análise do léxico, contudo localiza-se estritamente no terreno linguístico, deixando de considerar, além de aspectos formais, aspectos extralinguísticos fundamentais para uma compreensão mais ampla e adequada.

3.2.4. Lexicologia Social: o léxico como mapeamento do mundo

Alguns autores entendem o léxico como um mecanismo de mapeamento do mundo. Georges Matoré, que desenvolveu o conceito de lexicologia social, é o principal deles. Esse autor entende que

[...] as palavras não exprimem as coisas, mas a consciência que os homens têm delas. Para a lexicologia, os fatos sociais têm, com efeito, o aspecto de *coisas*, mas das coisas vistas, sentidas, compreendidas pelos homens; nossa disciplina deverá então visar às realidades sociológicas das quais o vocabulário é a “tradução”, ao mesmo tempo objetivamente, como realidades independentes do indivíduo, e subjetivamente, em função dos seres que vivem em um meio concreto, em certas condições sociais, econômicas, estéticas, etc. (MATORÉ, 1973, p. 42-43).

Moreira (2010b) aponta que na Semântica Estrutural se desenvolveu uma concepção teórica significativa de descrição do léxico: a Lexicologia, abordagem que cresceu consideravelmente na escola francesa e cujo pioneiro e principal representante foi Matoré. A Lexicologia foi uma área fértil para o estudo dos campos, daí sua proximidade com a Teoria do Campo Lexical.

Os principais pressupostos teóricos da lexicologia social de Matoré são os seguintes:⁶

a) Forma e conceito são indissociáveis. Matoré rejeita a ideia de distinção entre significado e significante, conforme defendido por Saussure;

b) A criação de uma palavra equivale à formação de um conceito. Esse processo, inicialmente individual, ultrapassa esse estágio, e o conceito se torna coletivo, sendo compartilhado pela sociedade ao longo do tempo. Isso faz com que a palavra se torne instrumento de compreensão social, uma vez que ela acompanha as mudanças sócio-históricas. Segundo Cambraia (2013, p. 160), “Matoré considera que a palavra representa uma espécie de *mapeamento do mundo*”.

c) A palavra possui caráter social. A lexicologia tem como objetivo o estudo dos fatos sociais, partindo da palavra para tentar explicar a realidade social. Assim, o caráter social da palavra não é apenas essencial na lexicologia social, mas é principal, é o centro da

6 Cf. Cambraia (2013, p. 160).

abordagem. Dessa forma, aspectos formais ficam em segundo plano, dando-se ênfase ao conceito das palavras.

d) A oposição entre sincronia e diacronia é relativa. Matoré novamente se afasta da proposta de Saussure ao considerar que não se deve separar a palavra do fator tempo. Ele entende que as palavras têm passado e que a lexicologia descritiva e a lexicologia histórica se complementam.

A respeito do trabalho de Matoré, Biderman comenta:

Se considerarmos a dimensão social da língua, podemos ver no léxico o patrimônio social da comunidade por excelência, juntamente com outros símbolos da herança cultural. Dentro desse ângulo de visão, esse tesouro léxico é transmitido de geração a geração como signos operacionais, por meio dos quais os indivíduos de cada geração podem pensar e exprimir seus sentimentos e idéias. Matoré tem razão quando afirma que a palavra tem uma existência psicológica e um valor coletivo. Também está certo ao afirmar que é pela palavra (diríamos a nomeação) que o homem exerce a sua capacidade de abstrair e de generalizar o individual, o subjetivo. A palavra cristaliza o conceito resultante dessa operação mental, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes (BIDERMAN, 1981, p. 132).

As críticas à lexicologia social de Matoré incluem que sua análise não seria propriamente linguística, pois estaria mais no campo do uso que do sistema. As oposições que ele sugeriu seriam de origem sociológica, e não linguística. Assim, ele teria dado tanto ênfase ao aspecto social que teria deixado de dar a devida importância ao aspecto linguístico. Ele também não explicita como cada palavra se posiciona dentro do campo e se existe hierarquia entre elas.

Apesar das críticas, a lexicologia social de Matoré se mostra de grande valor no estudo do léxico. Propostas posteriores que deram continuidade ao estudo do léxico e do conceito de campo, apesar de avançarem muito em termos de adoção de uma visão sistêmica e de desenvolvimento de métodos de formalização das oposições entre itens lexicais, perderam ao excluir o fator social da análise, pois deixaram uma lacuna no que se refere a mudanças lexicais. Segundo Cambraia (2013, p. 167), “a lexicologia de Matoré é *social* (pois considera as transformações no mundo real ao analisar a língua, mais especificamente, o léxico), mas não é *sociolinguística* (pois não considera as diferenças na sociedade – de gênero, de idade, de classe social, de região, de formação escolar, etc. – ao analisar o léxico)”. Por outro lado, sua vantagem em relação à Teoria do Campo Lexical está em seu forte compromisso com a

realidade social, pois considera as questões sociais na constituição e organização do léxico.

Enfim, a lexicologia social apresentou métodos aparentemente arbitrários para análise dos dados e colocou critérios linguísticos em segundo plano. Mas foi de grande valor ao considerar aspectos extralinguísticos, sociais na análise. Entende-se que, sem eles, a análise não dá conta de explicar as mudanças lexicais, a análise diacrônica fica incompleta e a análise em geral perde amplitude. Para esta pesquisa, a abordagem de Matoré é válida ao mostrar a possibilidade de se articularem critérios linguísticos e sociais para analisar a estrutura lexical.

4. Metodologia

A hipótese que se pretende testar neste trabalho é de que o léxico religioso de falantes religiosos se espalha para contextos não religiosos de uso, mais especificamente em textos não declaradamente religiosos. Por isso, foram escolhidos quatro tipos de texto para análise: sermão, artigo, blog e notícia. Destes, apenas sermão é um texto declaradamente religioso. Assim, pretende-se avaliar a ocorrência de léxico religioso nos demais textos em comparação com o primeiro.

Para tanto, foram coletados dados da internet – um campo vasto para o tipo de *corpus* que se pretendia construir. Para se obter um controle maior dos dados, limitou-se a autoria dos textos ao gênero masculino. A idade dos autores foi um dado não disponível, portanto, impossível de controlar. Contudo, a escolaridade foi um fator de certa forma controlável, pois a maioria dos textos é de teólogos (padres ou pastores), o que pressupõe curso superior, ainda que não reconhecido pelo MEC.

Neste trabalho, adotou-se o programa o AntConc como ferramenta computacional. Esse programa permite buscas e faz o cálculo estatístico das ocorrências das palavras em um *corpus* escrito. Está disponível no site do LabLEX⁷ gratuitamente e permite fazer vários tipos de pesquisa em um determinado *corpus*. Ele analisa automaticamente textos, facilitando a coleta e a análise de dados. O AntConc é um *software* livre que roda em Windows/Mac OS X/Linux.

7 <<http://cel08.fclar.unesp.br>> e no site <http://www.antlab.sci.waseda.ac.jp/antconc_index.html>.

5. Análise dos dados

Os dados coletados foram classificados em religioso, não religioso ou ambos, ou seja, de aplicação tanto religiosa quanto não religiosa. Vejam-se alguns exemplos:

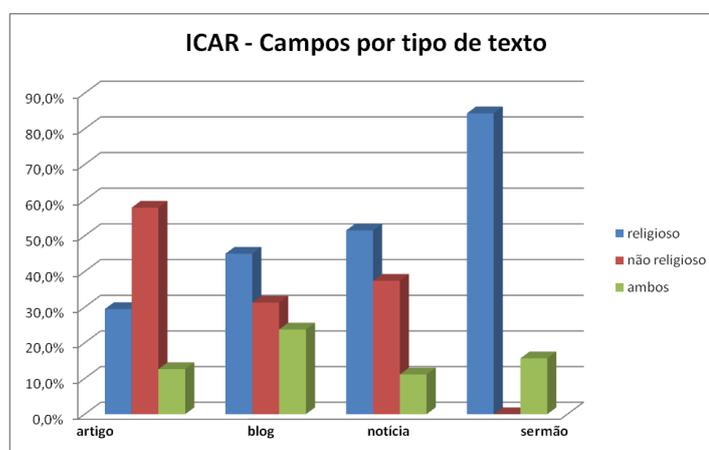
- Religioso: igreja, cruz, fé, graça, santidade, pecado etc.
- Não religioso: refrigerante, região, treinamento, mês, história, colégio, etc.
- Ambos: mãe, filho, senhor, espírito, fruto, ovelha, irmão, pai, homem, palavra, etc.

Neste último caso, uma mesma palavra foi encontrada sendo usada com sentido não religioso e, em outro contexto, com sentido religioso, como mostrado a seguir:

- a) “Seu *filho* e sucessor Alexandre Janeu tentou exterminá-los...”
“... roupas, músicas, linguagem comuns aos *filhos* das trevas.”
- b) “Seu conjunto nos apresenta um *caminho* da realização pessoal e comunitária.”
“O seu *caminho* espiritual, sempre atormentado, conhece altos e baixos.”

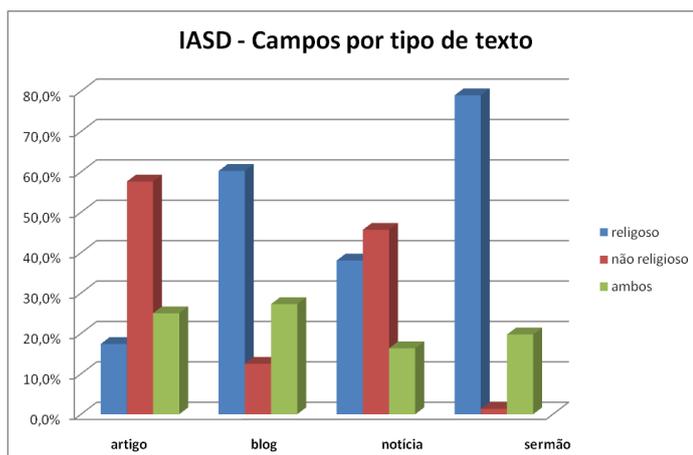
4.1. Análise por igreja

A primeira análise realizada compara os campos classificados acima (religioso, não religioso e ambos) por tipo de texto em cada igreja estudada. A primeira igreja analisada foi a ICAR. Veja-se o gráfico abaixo:



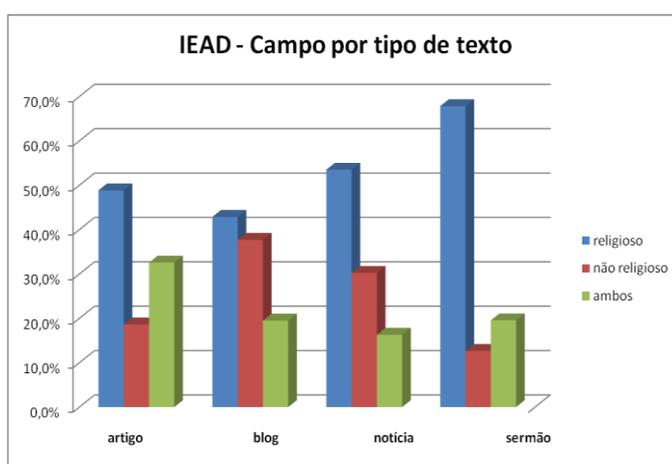
Esses dados mostram que o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Dentre eles, o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por notícia, blog e artigo. Observou-se também que o léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto. Além disso, O blog foi o tipo textual que mais equilibrou as três formas de léxico.

A mesma análise foi feita na IASD, conforme se observa a seguir:



Assim como na ICAR, na IASD, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais, e o tipo sermão se destaca na quantidade de léxico religioso, seguido por blog, notícia e artigo. Da mesma forma, o léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para blog.

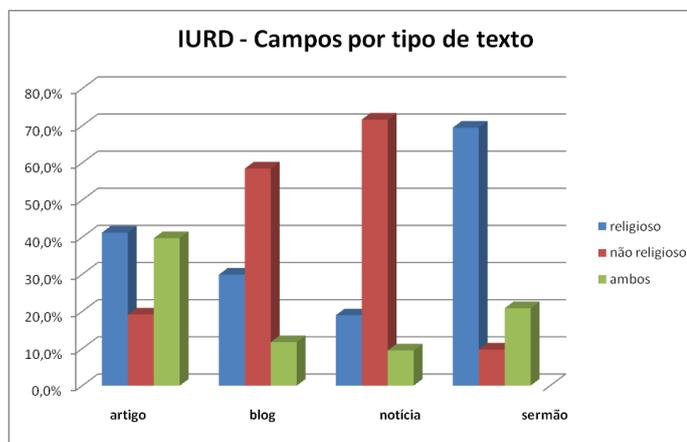
A análise da IEAD revelou o seguinte panorama:



Mais uma vez, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Aqui também o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por notícia,

artigo e blog. O léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para artigo.

Veja-se agora o caso da IURD:

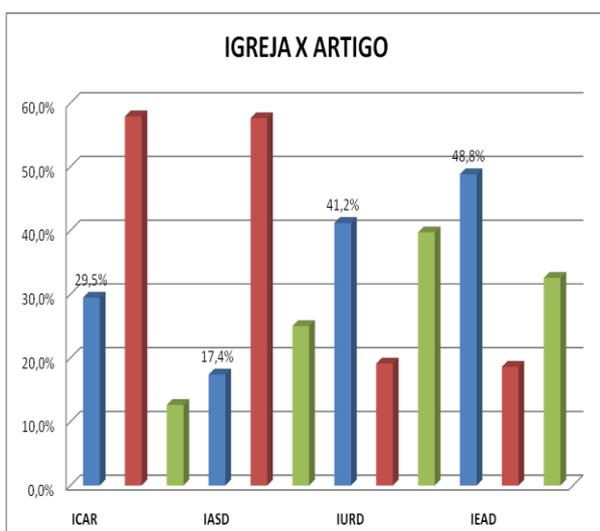


Assim como aconteceu nas demais igrejas analisadas, na IURD, o léxico religioso está presente em todos os tipos textuais. Também igualmente, o tipo sermão apresenta maior quantidade de léxico religioso, seguido por artigo, blog e notícia. O léxico usado tanto em campos lexicais religiosos quanto não religiosos mantém-se mais ou menos constante em todos os tipos de texto, com destaque para artigo.

O que se percebe desta primeira análise é que o léxico religioso se espraia para os quatro tipos de texto, obviamente com maior presença no texto de sermão, um texto conhecidamente religioso. Também se notou que palavras de duplo uso, tanto religioso quanto não religioso, são bastante produtivas, variando sua presença nos tipos textuais de acordo com cada igreja.

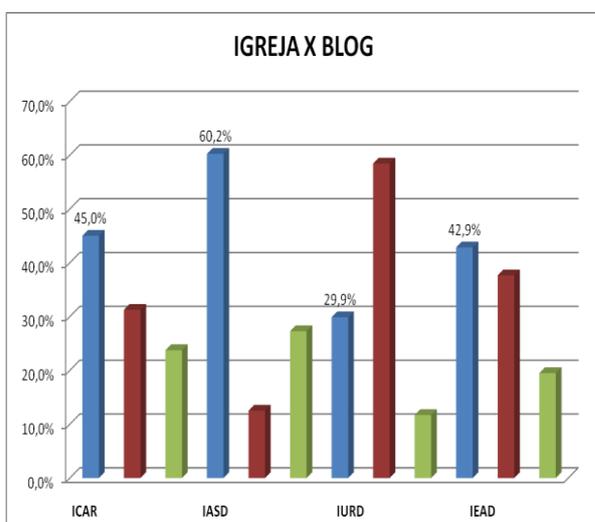
4.2.Comparação por tipo textual

Neste momento será apresentada uma análise baseada nos tipos de texto. Será considerado apenas o léxico classificado como religioso. O objetivo é verificar quais tipos de texto foram mais produtivos na difusão do léxico religioso em cada igreja. O primeiro tipo analisado foi o artigo.



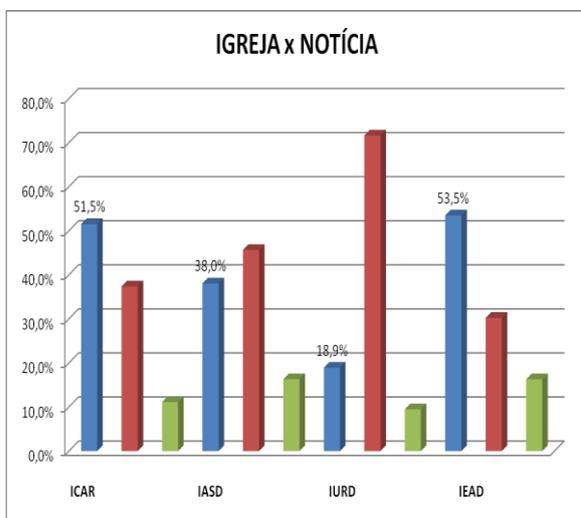
Esses dados mostram que a IEAD e a IURD foram as igrejas que mais usaram léxico religioso nesse tipo textual. Por outro lado, a IASD e a ICAR foram as que apresentaram menor frequência e seu resultado foi praticamente igual. A semelhança entre estas últimas era de se esperar, já que historicamente são igrejas mais próximas, assim como as duas primeiras.

O segundo tipo de texto analisado foi o blog. Vejam-se os resultados:



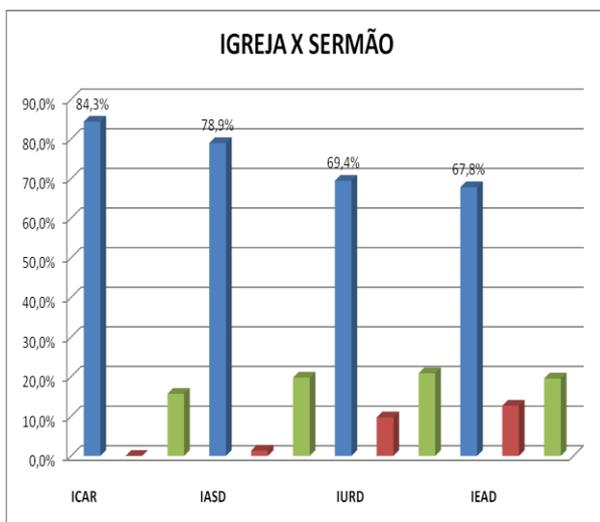
Em relação ao blog, os dados mostraram que a IASD se destacou nesse tipo textual como a que mais usou léxico religioso. Isso mostra que essa igreja dedica esse tipo de texto também para difusão de suas crenças. Também se nota semelhança entre os resultados da IEAD e da ICAR, algo que não era esperado, já que são igrejas histórica e doutrinariamente distantes.

O terceiro tipo de texto analisado foi a notícia, um tipo de texto mais jornalístico e descritivo. Os resultados foram os seguintes:



A IEAD e a ICAR, novamente, apresentam resultado muito semelhante – 53,5% e 51,5% respectivamente. Elas foram as que se destacaram no uso do léxico religioso no texto de notícia. Por outro lado, a IURD se destacou por usar mais léxico não religioso nesse tipo textual (cerca de 70%).

Em relação ao sermão, tipo de texto com maior presença de léxico religioso, como se viu na seção anterior, os dados revelaram os seguintes resultados:



Como já dito, o sermão foi o tipo que mais apresentou léxico religioso em todas as igrejas, conforme esperado. Apesar disso, podem-se destacar dois grupos principais com números muito próximos: ICAR e IASD de um lado e IEAD e IURD de outro. Esse resultado fica dentro do esperado, com igrejas mais próximas histórica e doutrinariamente coincidindo

nos resultados da análise. Vale destacar a ICAR, como a igreja que apresentou maior número de léxico religioso nos textos de sermão, seguida da IASD, IURD e IEAD.

5. Conclusões

Foi feita uma análise de quatro tipos de textos de quatro igrejas diferentes. O objetivo era ver se o léxico religioso se espalhava para contextos não religiosos e comparar os resultados entre as igrejas. Os resultados mostraram que:

- O léxico religioso se espalhou para outros contextos de uso nas quatro igrejas, confirmando a hipótese inicial;
- O sermão é o tipo de texto que mais apresenta léxico religioso, também como esperado, já que é um texto notadamente de uso religioso;
- Esperava-se que ICAR e IASD apresentassem maior semelhança quanto ao uso do léxico religioso por tipo textual. Contudo, isso se confirmou parcialmente, pois se assemelharam apenas no tipo sermão;
- Esperava-se que IURD e IEAD apresentassem maior semelhança quanto ao uso do léxico religioso por tipo textual. Contudo, isso se confirmou parcialmente, mais especificamente nos tipos artigo e sermão;
- Diferentemente do esperado, ICAR e IEAD apresentaram semelhanças nos tipos notícia e blog.
- As quatro igrejas apresentaram resultados diferentes, considerando-se os quatro tipos textuais.

Referências

ABBADE, Celina Márcia de Souza. A lexicologia e a teoria dos campos lexicais. *Cardernos do CNLF*, v. XV, t. 2, n. 5, 2011.

ALVES, Ieda Maria. A renovação lexical nos domínios de especialidade. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr.-jun. 2006.

BARROS, Célia; LOBO, Maria Antonia da Costa. As marcas culturais através da linguagem. VIII Fórum de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - Língua portuguesa e identidade: marcas culturais. Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos. *Anais...* Rio de Janeiro: nov. 2005. Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/viiiifelin/16.htm>>. Acesso em: 27 abr. 2014.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estrutura mental do léxico. In: QUEIROZ, T. A. (Ed.). *Estudos de filologia e linguística*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1981.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. A estruturação do léxico e a organização do conhecimento. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 22, n. 4, p. 81-96, dez. 1987.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. Léxico e vocabulário fundamental. *Alfa*, São Paulo, v. 40, n. 27-46, 1996.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: teoria lexical e linguística computacional*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. O conhecimento, a terminologia e o dicionário. *Ciência e Cultura*, São Paulo, v. 58, n. 2, abr.-jun. 2006.

CAMBRAIA, César Nardelli. Da lexicologia social a uma lexicologia sócio-histórica: caminhos possíveis. *Revista de Estudos Linguísticos*, v. 21, n. 1, p. 157-188, jan./jun. 2013.

CAMBRAIA, César Nardelli; VILAÇA, Cynthia Elias de Leles; MELO, Teresa Cristina Alves de. Unidade lexical e unidade cultural: o léxico românico de religião em traduções medievais. *In-Traduções*, Florianópolis, v. 5, n. 9, p. 22-39, jul.-dez. 2013.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo*. São Paulo: Brasiliense, 1984. (Coleção Primeiros Passos, v. 117)

CARVALHO, Nelly. A unidade lexical no discurso publicitário regional. *Cadernos do CNLF*, v. XIV, n. 2, t. 1, 2010. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/xiv_cnlf/tomo_1/419-424.pdf>. Acesso em 22 jun. 2014.

COELHO, B. J. Dicionários: estrutura e tipologia. In:_____. *Linguagem: lexicologia e ensino de português*. Catalão: Kaio Gráfica e Editora Ltda, 2008. p. 13-41.

FAULSTICH, Enilde. Análise operacional de esquemas contextuais: o campo lexical e a moldura. *Acta semiótica et lingvistica*, v. 15, n. 1, 2010.

GEERAERTS, Dirk. *Theories of lexical semantics*. New York: Oxford University Press, 2010.

IBGE. *Censo demográfico 2010: características gerais da população, religião e pessoas com deficiência*. Rio de Janeiro: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão/IBGE, 2010. Disponível em: <ftp://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo_Demografico_2010/Caracteristicas_Gerais_Religiao_Deficiencia/caracteristicas_religiao_deficiencia.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2014.

ILARI, Rodolfo. *Introdução ao estudo do léxico – Brincando com as palavras*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

KADER, Cárta Callegaro Corrêa; RICHTER, Marcos Gustavo. Linguística de corpus: possibilidades e avanços. *Instrumento*, v. 15, n. 1, p. 13-23, jan./jun. 2013.

MARTÍNEZ, Marcos. Definiciones del concepto *campo* en semántica: antes y después de la *lexemática* de E. Coseriu. *Odisea*, n. 3, p. 101-130, 2003.

MATORÉ, G. *La méthode em lexicologie: domaine français*. Nouv. éd. Paris: Didier, 1973.

MOREIRA, Cristiane Fernandes. *As denominações para os pescadores e os apetrechos de pesca na comunidade de Baiacu/ Vera Cruz /Bahia*. 2010. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal da Bahia. Bahia, 2010.

OLIVEIRA, S. R. de. Léxico. In:_____. *Léxico, cultura, tradição e modernidade: um retrato sociolinguístico do congado montes-clarense*. 2009. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e Linguística, Universidade Federal de Uberlândia, 2009. p. 45-46.

SARDINHA, Tony Berber; MOTA, Lourenço Dantas. *Linguística de corpus*. Barueri: Manole, 2004.

TEUBERT, Wolfgang. Language and corpus linguistics. In: HALLIDAY, M. A. K. *et al. Lexicology and corpus linguistics: an introduction*. London; New York: Continuum, 2004.

Data de recebimento: 11/12/2014

Data de aprovação: 19/12/2014